

OS SUBTERRÂNEOS DA CULTURA NO CONTEMPORÂNEO – TECENDO REDES

SONIA BAHIA¹ E REGINA ANDRADE²

Resumo

Este artigo discute as lógicas nas quais se assentam os movimentos de cultura na atualidade. A partir de um redimensionamento do conceito de cultura, busca-se identificar as formas que os movimentos de cultura utilizam-se para continuar preservando suas identidades originais, e, ao mesmo tempo conseguir sobreviver no cenário contemporâneo que se encontra marcado pela globalização econômica. Pretende abranger as lógicas de construção das culturas no momento contemporâneo, reconhecendo-se que o mundo encontra-se em alguns aspectos globalizado, mormente em suas relações econômicas, onde a idéia de mercado prevalece sobre a noção de sociedade. Com a proeminência desse entendimento a idéia de localidade esmaece suas fronteiras redimensionando consigo a identidade cultural. Discute um evento concreto ocorrido em Salvador/Ba numa entidade afro descendente que terminou tendo abrangências nacionais. Termina apontando como hoje a cultura é utilizada como técnica de marketing para promover organizações e seus acordos transnacionais.

Palavras chave – cultura, identidade, globalização, marketing.

Abstract

This article argues the logics in which if they seat the movements of culture in the present time. From a redimensionamento of the culture concept, one searches to identify the forms that the culture movements are used to continue preserving its original identities, and, at the same time to obtain to survive in the scene contemporary who if finds marked by the economic globalization.

It intends to enclose the logics of construction of the cultures at the moment contemporary, being recognized itself that the world meets in some aspects globalization, mainly in its economic relations, where the market idea prevails on the society notion. With the preeminence of this agreement the locality idea sauce its borders redimensionando I obtain the cultural identity

Afrodescendente argues an event concrete occurred in Salvador/Ba in an entity that it finished having abrangencias national. It finishes pointing as today the culture is used as technique of marketing to promote transnational organizations and its agreements.

Keywords: culture, marketing, globalization, identities

JEL: M14; M31; Z11; Z13.

Introdução

Ao se considerar que as perspectivas da globalização buscam a homogeneização dos mercados de consumidores, atinge neste movimento o lastro de originalidade das culturas locais, posto que através do ato de consumo se forja um sujeito mundializado, pós-moderno e desenraizado. Ser cidadão do mundo é de alguma forma estar apto a absorver nas só os produtos de outros mercados, mas se identificar com eles e ao mesmo tempo se portar de um jeito de ser e fazer-se no mundo como sujeito global, agente da cul-

tura mundial.

Esta situação assim colocada revela um paradoxo a vivencia dos sujeitos sociais hoje, ou se defendem e lutam por si próprios ou adotam bandeiras coletivas mais amplas, ainda que algumas com sentido vago. De toda sorte ao escolher um lado ou outro desse paradoxo não deixam de enfrentar nova área de tensão, ou se apegam a suas bandeiras locais e não sobrevivem ou assumem características mutáveis que lhes permitam sobreviver sem trair suas causas. Assim fazem e tecem redes. Algumas não muito claras, outras fazendo laços nos subterrâneos das próprias culturas.

O desenvolvimento desta problematização acompanha várias pesquisas e perspectivas teóricas, (CANTLINI, 2005; YUDICE, 2006), mas assumiu um caráter de inquietação nessas pesquisadoras ao terem presenciado um evento atual que lhes levou a esse questionamento.

As reflexões sobre “estudos culturais” são consideradas de alta complexidade uma vez que se entrelaçam com várias temáticas em sua elucidação. Por um lado requerem um olhar antropológico e local sobre as lógicas nativas em seus assentamentos e por outro suscitam uma compreensão sociológica de suas inserção num mundo global e miscigenado que, se instala nos lócus originais hibridizando-os em detrimento daquelas baseadas nos locais de cultura.

Do ponto de vista antropológico, quando se tenta desenvolver grafias

¹ Psicóloga, Mestre em Sociologia pela Ufba, Professora da Ufba e da Universidade Salvador – UNIFACS. solu@uol.com.br

² Psicóloga, Doutora em Comunicação Social pela UFRJ, Pós-doc em Comunicação pela Ufba, Professora Titular da UERJ.

sobre as culturas, a melhor forma é se contar ou ouvir *estórias*. Esta *estória*, contudo, não localiza heróis, nem mitos, nem descreve rituais tradicionais. Focaliza um fato ocorrido num momento contemporâneo. Aconteceu no presente ano de 2008. E através dela pode-se repensar os conceitos imbricados em nossa perspectiva de pesquisa.³

Um exemplo da tessitura de redes

A semana da Mãe Preta é um evento que vem sendo desenvolvido desde 1978, em setembro, na senzala do Barro Preto, sede da associação sociocultural do Ilê Aiyê em Salvador/BA. Criado com o objetivo de homenagear *Mãe Hilda, sacerdotisa do candomblé* e dirigente espiritual do Ilê Aiyê. Tornou-se um evento de resgate e valorização da mulher negra no processo civilizatório brasileiro. Neste ano de 2008, este evento já considerado um clássico dentro do Ilê Aiyê foi reprisado com uma programação variada. Desenvolveu-se nos dias 22 a 27 de setembro.

Dia 23 de setembro de 2008, dentro da programação específica, há uma programação formal, a apresentação de dois trabalhos que rezam sobre a Resistência Negra na América do Sul, trabalhos de dois pesquisadores, a Prof. Joseania Miranda Freitas da Ufba⁴ e o educador Sandro Teles⁵. Os projetos dão conta da similaridade cultural entre várias etnias da América do Sul e América Latina com os grupos étnicos Brasileiros e especificamente com os grupos étnicos Baianos. Estes vêm sendo os resultados obtidos pelas pesquisas referenciadas.

O trabalho de Joseania vem comprovando o quanto os negros do Equador tem uma semelhança em suas práticas religiosas e folclóricas com os negros brasileiros, nos cultos aos orixás e nos seus rituais.

O trabalho do educador Sandro Teles por seu turno é reafirmador dessa identidade que reagrupa as etnias, tratando-se de um trabalho de amostragem mais visual que teórico...*é por isso, diz ele, que no próximo ano o tema do nosso carnaval será Es-*

“ Quando estivemos no Equador – diz um dos diretores do Ilê – ajudamos a eleger o seu prefeito... ”

meralda, a Pérola Negra do Equador – este foi o tema escolhido pelo Ilê Aiyê para seu desfile do carnaval em 2009.

Há uma alegria geral na platéia, há um ufanismo de reencontro de iguais. Há algumas falas que acendem o ânimo do público, a primeira delas dá conta do *quanto à falta de conhecimento oportuno o desmando, a denúncia é de que este isolamento geoespacial dos iguais está a serviço da opressão e da dominação*.

Em seguida, a fala do Presidente do Bloco reafirma a política de unificação das etnias – *conquistaremos agora os nossos irmãos da Argentina!* Quando estivemos no Equador diz um dos diretores do Ilê *ajudamos a eleger o seu prefeito*.

A inquietação que surge de imediato, nestas pesquisadoras diz respeito a questões de ordens teóricas: há uma preservação cultural? Há hibridismo cultural e igualdade na desigualdade nas populações negras desses países? Mas se dirigem indubitavelmente para a esfera econômica como uma variável definitiva nesta composição complexa.

Uma resposta se oferece de pronto a tais indagações: a forma de fazer resistência estrutura-se semelhantemente à maneira como a

globalização econômica e cultural se expande, os movimentos étnicos repetem a lógica capitalista? Há um tracejar de uma rede de sustentação. Há uma tessitura que se desenvolve entre esses grupos étnicos, mas que se mostram a serviço de uma lógica que é capitalista.

No dia 24 de setembro, manhã do dia seguinte, os grandes jornais de circulação de Salvador e a mídia televisiva anunciam a retirada do Equador, de técnicos da Construtora Odebrechet, alguns feitos reféns na embaixada brasileira naquele país por ordem do presidente Rafael Correa, que semelhante á outros líderes Latino Americanos vêm de alguma forma tentando extrair das relações com o Brasil *melhores condições para o seu próprio povo*. Há um ar de *já vu*. Meses antes, Evo Morales, presidente do Equador, já tinha iniciado um movimento de estatização de empresas petrolíferas brasileiras em seu país. Este movimento, contudo, não se restringe ao Equador. Ele expressa num movimento que vem se firmando na América Latina como uma polarização de lideranças influenciadas pelas falas e ascendência direta de Fidel Castro e constitui o que Tariq Ali examina no seu livro *Piratas do Caribe – o Eixo da Esperança*. Trata-se de governos de base esquerda democrática, com governantes oriundos de setores das classes operárias em seus países, que tem uma base de apoio populista.

O Ilê Aiyê foi ao Equador em janeiro de 2008, como parte de um Programa Executivo Cultural assinado entre o Brasil e o Equador. Compuseram a mesa de lançamento deste

³ A pesquisa aqui referenciada é a tese de doutoramento da autora Sonia Bahia, cuja orientadora é a Dr^a. Regina Andrade, a temática desta pesquisa é sobre identidades culturais envolvendo estudos na Comunidade da Mangueira no RJ e a Comunidade do Ilê Aiyê na Bahia.

⁴ Joseania Miranda Freitas. Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia. Concluiu o doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2001). Pós-doutorado (2007) em História – numa parceria entre a Universidade Federal de Goiás, Université de Perpignan (França) e Universidad del Norte (Colômbia).

⁵ Sandro Teles, compositor, músico percussionista é considerado o maestro e educador da Banda Êre no bloco Ilê Aiyê.

⁶ Trata-se também da história de um grupo de negros que tomou o navio negreiro Esmeralda, matou a tripulação e aportou no litoral do Equador, onde fundou a cidade com o mesmo nome – Esmeralda.

“ Desta forma a produção da cultura deixa de ser apenas a explicitação de um modo de fazer, mas se constitui numa nova moeda de troca para processos e fluxos em redes lançando novas possibilidades de inserção social... ”

projeto, lá no Equador, o Ministro da Cultura do Equador, o Embaixador do Brasil naquele país, um representante do Ilê, o presidente da fundação Palmares e um representante da Instituição Odebrecht no Equador. O representante do Ilê emite um parecer nesta ocasião dizendo que *O Ilê trabalha pela afirmação da cultura afro-brasileira, da cultura afro-mundo.*

Bases teóricas

George Yudice (2006) discute aspectos importantes dessa problemática em seu livro *a Conveniência da Cultura* onde destaca que as noções sócio-antropológicas de alta cultura e cultura popular, não são mais estabilizadores dos sujeitos sociais; a noção de cultura hoje vai além de sua consideração como mercadoria, pois considera suas formas mais ambíguas de geração e desenvolvimento econômico, inclusão social e cidadania. Desta forma a produção da cultura deixa de ser apenas a explicitação de um modo de fazer, mas se constitui numa nova moeda de troca para processos e fluxos em redes lançando novas possibilidades de inserção social. Por isso a compreensão de tais conveniências reporta a adaptabilidade necessária que os sujeitos sociais têm que fazer às circunstâncias de serem ao mesmo tempo sujeitos locais e sujeitos globais e, sobretudo, quando são influenciados pela mídia e pelos processos comunicacionais, que a cada dia tentam a captura de todos os sujei-

tos na esfera globalizada, gerando homogeneização.

Para Yudice, a força performática exercida através das redes de instituições é que torna toda a ação significativa, por isso os processos de globalização têm um impacto sobre esse campo de força e acabam sendo incorporados como qualquer outro elemento. (YUDICE, 2006, p.121)

Adianta ainda este autor que hoje o papel da cultura expandiu-se para as esferas políticas e econômicas e as noções convencionais de cultura se esvaziaram. A cultura vem sendo direcionada como um recurso para a melhoria social, política e econômica ou para aumentar a participação na esfera política, num momento em que conflitos acerca da cidadania apontam para a falência dos programas de Estado e auxiliam sempre o surgimento e consolidação de um modelo capitalista que abarca a cultura como dimensão a ser expandida – as estratégias políticas têm se direcionado para fortalecer os direitos civis e humanos e a qualidade de vida. Nesta direção salienta ainda este teórico:

[...] a cultura deixa de ser propriedade de um grupo, mas é um processo estruturado de embates, a cultura não é mais vista como a realização de civilizações, mas a estratégia e meio pelo qual a língua e valores de classes diferentes refletem o senso particular de comunidade, ainda que acomodada ao lugar disponibilizado para aquela comunidade, dentro da disputa de culturas que faz uma nação. Ela é uma luta de significados (2006, p.126).

O que aqui se destaca é que na medida em que as desigualdades sociais se intensificam e, as políticas públicas não mais atendem as necessidades das populações, a cultura se desloca como eixo representativo de identidades locais, para favorecer um entrosamento transnacional com mo-

vimentos de base. A cultura se faz num processo de hibridização visando à melhoria da vida dos atores envolvidos. O que confirma a posição de Andrade (2006)⁷, pesquisadora também na Comunidade da Mangueira no RJ, quando afirma com base nos resultados de seus estudos, que toda cultura no contemporâneo tende a ser híbrida. Ressaltando que alguns eventos da globalização vêm promovendo certa “impureza” cultural, contudo, adianta esta teórica que se nos basearmos nos conceitos de imaginário social, teremos e experienciamos encontros, os quais são provenientes de memórias afetivo-sociais, e estas enquanto produções coletivas auxiliam na integração de tais grupos no cotidiano. Por fim, termina mesmo radicalizando, quando com base em Baudrillard, adianta que é impossível se captar a própria cultura sem o hibridismo do olhar do pesquisador. Além disso, diz Andrade, que ao reproduzir seus produtos as culturas simulam, o que favorece um mundo fictício, um simulacro da realidade.

A inclusão da diversidade é a grande perspectiva doravante nas culturas. Entretanto, o que é mais admirável é o papel de empresas transnacionais ou que se entendem nesta condição; o uso que fazem das manifestações culturais como forma de consolidação de suas próprias estratégias econômicas.

O pesquisador Gey Espinheira⁸ confirma tal movimento de apropriação que a economia vem fazendo dos movimentos culturais, constituindo o que ele considera:

[...] um modismo decorrente da globalização que além de criar uma impressão de atualização, de modernidade recoloca a questão da cultura na esfera do além. Inspirado em Homi Bhabha que explica que o além não se refere à nenhuma instância nem

⁷ Regina Andrade é pesquisadora do CNPq e tem um projeto estruturado dentro da favela da Mangueira – RJ, onde discute a construção da auto-estima dos jovens naquela comunidade junto ao Centro Cultural Cartola e à UERJ.

⁸ Gey Espinheira, Doutor em sociologia pela USP. Professor do departamento de sociologia da FFCH – Ufba e pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos (CRH) da Ufba: líder do grupo de pesquisa registrado no CNPq – “Cultura, cidade e democracia, sociabilidade e movimentos sociais”. Autor de livros, ensaios e artigos no campo da Sociologia.

local metafísico, não significando o abandono do passado nem representando um novo horizonte, mas uma “sensação de desorientação” quanto ao passado e o presente, o interior e o exterior, inclusão e exclusão em relação à representação das identidades (*Espinheira, 2004, p:2*).

Apoiando-se em BHABHA, Gey chama a atenção de que na medida da inexistência de categorias conceituais e organizacionais aglutinadoras e que reflitam a consciência e posição dos sujeitos, como classe, gênero, orientação sexual, torna-se politicamente crucial a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originais iniciais e de focalizar aqueles momentos e ou processos que são produzidos nas articulações das diferenças culturais.

[...] esses *entre – lugares* fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria sociedade (Espinheira, 2004, p: 2).

Toda esta discussão redimensiona o debate sobre identidades culturais chegando mesmo á polarizações que apóiam de um lado os aspectos nacionalistas e étnicos e outros que consideram que estamos imersos em um universo global e que devemos trocar e aceitar as influencias mundiais. Posto este debate não se admite mais os protecionismo e controles sobre a produção cultural, deve-se levar em conta quem fatura e quem consome a produção cultural. Portanto, os artefatos produzidos no seio de uma comunidade passam a ser entendidos como produto cultural, apto à venda e ao consumo.

No cerne deste paradoxo surge uma nova problemática, a questão da desigualdade, bandeira que alimenta alguns movimentos e mesmos incentiva o fluxo produtivo de algumas culturas: o deslocamento da responsabilidade de tais questões deixa de ser dos Estados passa a ser assumido por empresários, que agregam valor às suas próprias ações ao

se associarem a determinados grupos culturais.

Por um lado, os movimentos e grupos culturais ao se incorporarem a essas ações de internacionalização pretendem em ultima instância o acesso e à organização da Sociedade Civil e a participação mais definitiva e representativa no sistema político globalizado. Políticas de cotas, direito ao uso da língua, autonomia e governabilidade em suas comunidades são algumas das bandeiras que são buscadas nesses acordos.

Este movimento *internacional da esperança*⁹, ainda deve estabelecer bases e definições mais apuradas uma vez que as redes invisíveis criam teias de confluência que muitas vezes são áreas nodosas e pouco claras para muitos e ainda é carregado de contradições, uma vez que os próprios nativos oriundos de movimentos de identitários se chocam e se recusam a negar aquilo que se constituiu como sua real identidade. Por isso fica difícil hoje, por exemplo, no Brasil, se definir o que é ser negro. Muitas são as contradições sobre no que se constituem as identidades. Fala-se em discriminação social e discriminação por cor de pele. Por isso a identidade de per si não define a pertença no sentido de um movimento, seja ele comunitário ou mesmo de organização civil. Alguns grupos consideram que a participação e não a identidade deveria garantir o pertencimento. Chegam a comentar que não são os laços consanguíneos nem componentes raciais que predeterminam quem é quem. Trata-se de um conjunto de suposições, pressupostos, crenças, mitos, valores, experiências e laços que são os dados mais importantes nesta definição. Para Yudice tais características constituem o *horizonte de inteligibilidade* ou o *território do significado*.

⁹ Este nome foi como os militantes do Encontro Nacional da Esperança se intitularam em sua luta contra a exclusão social. A partir desse encontro realizado na cidade de Chapas – México – passaram a confluir para esta plataforma de lutas num movimento maior, aglutinado. Originalmente comparado ao Exército Zapatista para libertação do México reunindo povos indígenas da região. A partir daí houve a adesão de vários outros excluídos das Américas Latinas.

¹⁰ Discurso coletado em trabalho de campo em maio de 2007.

“ ... encontrou-se no Ilê um discurso similar que afirma que a nascente deste movimento e saber está na Casa Mãe, o terreiro Axé Ilê Jitolú, onde se aprendeu que ser negro é bonito... você não tem que se envergonhar por ser negro... ”

Confirmando essas prerrogativas encontrou-se no Ilê um discurso similar que afirma que a nascente deste movimento e saber está na Casa Mãe, o terreiro Axé Ilê Jitolú, onde se aprendeu que *ser negro é bonito... você não tem que se envergonhar por ser negro* (palavras de Mãe Hilda pra seus filhos)¹⁰. Este discurso é retraduzido em novas práticas de pertencimento comunitário, não basta ser negro, tem que demonstrar que não tem vergonha do que se é . E tais falas são acompanhadas de considerações e sentimentos de ressentimento.

[...] Alguns daqui antes achavam que era só estudar e passar no vestibular que ia mudar a vida e se esqueciam da turma, mas hoje não. já se comprometem com suas origens, ficavam achando que as pessoas daqui não sabiam falar... mas os novos amigos não os apoiaram bem, quando saiam de férias iam para suas fazendas, quando formavam iam pra seus consultórios... Só aí os daqui descobriram como a coisa funciona. Por isso Ilê é uma entidade de negros dirigida por negro, voltada para negros. Ago-

“ Muitas vezes o que liga essas pessoas entre si, é mais o caráter religioso que outro dado identitário qualquer, sobretudo, a supremacia das falas Mãe Hilda em detrimento de outros fatores... ”

ra não cabe só isso não. No dia a dia o branco participa, entra aqui. Mas achamos que na hora do carnaval, do desfile quem quiser sair bonito tem que pagar. Não cabe discussão. O bloco é o carro chefe tem que ter recurso. E não cabe conversa de coitadinho não. O Ilê Aiyê é um bloco de linha, eu não tenho muitos parceiros. Os caras tem dificuldade de associar a imagem deles com agente” (entrevista com Vovô¹¹, 2007).

Muitas vezes o que liga essas pessoas entre si, é mais o caráter religioso que outro dado identitário qualquer, sobretudo, a supremacia das falas Mãe Hilda em detrimento de outros fatores, a ponto de que todos se consideram *irmãos de santo*, explicitando uma prerrogativa, um passe de pertencimento, pelo menos para os gestores da casa.

Michel Agier¹² ao estudar o Ilê Aiyê na década de 80, já alertava que o movimento era mais característico de uma re-africanização na Bahia do que um real encontro de origem. A re-africanização para aquele autor seria relativa à re-interpretação que os negros, na diáspora, fazem dos seus dados de memória. *E a África virou um lugar só, ficou como um lugar de todos, como um só lugar, como um país no qual todos tinham a mesma origem, nacionalidade e identidade* (Espingheira, 2004, p. 3).

Nesta direção poderíamos entender como a questão racial passa a ser uma plataforma política dentro do bloco do Ilê. Se por um lado reconhe-

cessem – se como bloco de negros e oriundos da África, como explicar a presença da manequim internacional Naomi Campbell no carnaval de 2008? Os ressentimentos são muitos, e, são assumidos numa perspectiva paradoxal de melhoria da auto-estima, mas também como um projeto de restauração – que por isso mesmo passou a ser chamado de política de reparação. Daí torna-se desculpável o uso de qualquer estratégia para a reassunção num novo lugar. Mas não é o ser negro, nem a questão de raça. É uma forma específica de ser negro, de ser étnico, de ser estando em relação.

O discurso da cultura como um dispositivo de marketing

Mas a discussão sobre a cultura, não espelha apenas os movimentos espontâneos surgidos nas comunidades e grupos sociais, esta categoria atravessa o debate sobre as organizações e as instituições, deslocando seu eixo e problemática principal para aparecer como slogan de organizações sólidas e tradicionais e, sobretudo como marca de organizações respeitáveis e cidadãs.

A aplicabilidade do conceito de cultura às esferas das organizações vem sendo amplamente discutido pelos estudos organizacionais e há também um longo debate sobre se as organizações têm ou não cultura.

A posição dos teóricos a esse respeito é dicotômica. Há aqueles que acreditam na existência de cultura intra-muros organizacionais e há aqueles que execram a existência dessa dimensão nas organizações, apoiando-se no argumento de que o máximo que as organizações possuem são ideologias, as quais na maioria das vezes estão apoiadas no credo capitalista e no sujeito do de-

sejo, desenraizado, do contemporâneo e, utiliza-se de pressupostos para gerar homogeneização de seus contingentes humana internamente, e, gerar valor agregado aos seus próprios produtos, além de conseguir o controle massificado dos ideários de todos aqueles de quem deseja o concurso e o controle.

Utiliza-se de técnicas, para fazer a socialização de suas práticas, e, gerar a internalização nos sujeitos de seu credo. Na atualidade, há uma gama infindável de modismos existentes com esta finalidade. O marketing é um desses instrumentais com este poder e magnitude. Desta forma a perspectiva da cultura como ferramenta de gestão empresarial passa a ser entendida como gestão social consolidando as novas funções empresariais. De vender celular e carros à possibilidade de vender sonhos e status é um pulo alcançado de forma mágica. O poder alcançado pelas organizações, nesta direção, é surpreendente chegando a configurar-se como um agente social de um poder inigualável no contemporâneo. Isto ocorre face à falência das demais categorias aglutinadoras e referenciais para os sujeitos sociais (a ausência do Estado, a falência da família, a impossibilidade das discussões sobre moral e ética, a perda dos laços religiosos e da função dos rituais, gerando o que Palmade (apud FREITAS, 2000) intitulou de fragilização das bases identitárias). Para Freitas, é possível se verificar o aparecimento do ‘narcisismo das pequenas diferenças’¹³ ou individualismo de tribos e grupos.

Diz esta autora, as organizações, que possuem uma maior capacidade de captar as mudanças sociais e dar respostas ágeis, passaram a não apenas atuar com produtos favorá-

¹¹ Antonio Carlos dos Santos Vovô – presidente e do bloco afro descendente do Ilê Aiyê.

¹² AGIER, Michel. (2000). *Antropologie du Carnaval; la ville, la fête et l’Afrique à Bahia*. Paris: Editions Parenthèse. Estudioso, antropólogo esteve durante anos como professor visitante na Ufba e conduziu várias pesquisas que envolviam grupos étnicos.

¹³ O narcisismo de pequenas diferenças é uma das discussões trazidas por Freud em *Mal Estar da Civilização* e ratificado por Enriquez em seu artigo – *O Fanatismo religioso e político*, de 1994.

veis a suas especializações, mas, a atuar no simbólico e repassar toda uma construção imaginária de si próprias num mundo que desejam sobretudo apto e desejoso de seus produtos. E a forma de viabilização é através da cultura organizacional. Passam a ser assim atores centrais na sociedade *por meio de quem todas as relações devem se organizar* (FREITAS, 2000, p.9) [...] elas pretendem ser o modelo de racionalidade, de transparência, de resultado que as demais instituições devem seguir, e, assumem voluntariamente o papel de fornecedores de identidade. Se antes se mantinham discretas em suas imagens a fim de evitar serem acusadas do uso do poderio econômico para exercer influência nas sociedades nas quais se instalavam, hoje buscam a legitimação social como o lugar onde é possível se refazer vínculos sociais e identitários.

Um dos temas atuais que o imaginário organizacional mais privilegia é a imagem de empresa cidadã, mas nesse discurso arvora-se a falar em nomes de nações, estados, incentiva guerras, apóia campanhas políticas e ganham simpatias futuras, e, muitas vezes revestem-se de sutis mecanismos de apoio á culturas locais e á movimentos ecológicos aos quais colam suas imagens, e, constroem seus imaginários de grandiosidade. Seus produtos ganham um *up grade* no imaginário popular. Consolidam suas marcas. E não há dúvida de que a indústria cultural é um setor da economia próspero e valioso na construção de uma materialidade para o intangível.

Sobre as redes

A partir da idéia consolidada pela telemática contemporânea, de que pertencemos á uma Aldeia Global, passamos a acreditar que estamos de alguma forma todos conectados. Este conceito pode ser materializado e ampliado através das redes de informática e de informações. Estas têm moldado novos comportamentos sociais e a difusão da necessidade de fazermos parcerias e associações as mais diversas, e todas elas definem-se sempre como redes (networking).

Pensada etimologicamente, a palavra redes faz uma similitude com uma malha de captura de caças.

Para Ribeiro (2007), com base em Castells (2005) o fluxo de informação que caracteriza os processos de comunicação é o cerne da compreensão da dinâmica das redes, que são eleitas como novas formas de morfologia social.

Em consonância com a definição de Inojosa (apud MINHOTO E MARTINS, 2001), RIBEIRO traz a rede como sistema que compartilha sentidos:

[...] Rede é uma parceria voluntária para a realização de um propósito comum. Implica na existência de entes autônomos que, movidos por uma idéia abraçada coletivamente, livremente e mantendo sua própria identidade, articula-se para realizar objetivos comuns. As redes se tecem através do compartilhamento de interpretações e sentidos e da realização de ações articuladas pelos parceiros (1998 p: 1-2).

É necessário que se entenda também que a eficiência da rede só se efetiva no vinculo entre os atores. Compreendendo-se este vinculo pela existência de uma capacidade de influência recíproca entre os envolvidos. De mera compreensão conceitual, o conceito de redes estruturou-se como pratica recorrente. Por isso o interesse dos pesquisadores, abrangendo um olhar bem ampliado sobre a sua utilização, e passando a ser considerado um caminho para a compreensão da complexidade da sociedade civil.

[...] Um recurso teórico de valor prático na construção de esferas públicas democráticas a partir da sociedade civil, fora das esferas do Estado e do mercado... este debate aponta... para uma reorganização paradigmática cujos trabalhos estão nos seus primórdios... o objeto rede social responde a uma exigência de complexificação da teoria social a partir de demandas práticas (novas metodologias de intervenção social... ou novas formas de participação e de mobilizações coletivas' (Ribeiro, 2007, apud Martins, 2004, p. 22)''.

[...] O uso deste conceito implica considerar a sociedade civil como alicerces de um sistema autônomo regido por *mecanismos específicos e distintos das regras do Estado e do Mercado*. (Ribeiro, 2007:1-2)

A rede sócio-institucional é constituída por sistemas organizacionais medianamente regulamentados e situada entre os sistemas governamental e não governamental. Governos, Organizações não governamentais, associações locais e lideranças comunitárias são seus principais componentes,

[...] objetiva estimular solidariedades sócio-institucional e favorecer ações articuladas entre agências e atores implicados com a formação de uma esfera pública no plano local [...] alimenta a esfera pública, publicizando conflitos e sugerindo direções para as políticas'' (idem p. 113 e 114).

[...] No campo da produção e circulação de mercadorias, a rede constitui-se elo entre a empresa e o mercado, podendo ser: *sistêmica-articulação mediadora de organizações para produção de produtos ou serviços; secundária não formal – atende necessidades mais pontuais e fornece serviços particulares; estratégica – juridicamente independente e articulada por uma empresa focal, mais estável e cooperativa; rede de inovadores – interações entre organizações para sistematizar inovações*. As redes estratégicas e de inovadores são as tipologias mais representativas do que acontece no cenário atual do mercado (Ribeiro, 2007, apud Loiola e Moura, 1997).

Vê-se, portanto, com base nesta teoria das redes sociais que o evento que aqui foi narrado encontra respaldo nas atuais teorias psicossociais. Além de reafirmar também que todo evento e ou fato observado, é socio-histórico, contemporâneo e datado. E que tanto a ciência quanto os pesquisadores individualmente, estão sujeitos às influências das épocas em que vivem.

Conclusão

Não se pretende aqui, fazer considerações de ordem moral e ética, mesmo que incitados por este even-

to, porque qualquer coisa que se diga será da ordem do provável e do temporário. A disputa entre o Brasil e o Equador ainda não se findou. Agora, se situam em relações tensas entre dois países, ambos ofendidos. Rafael Correa do Equador deseja o não pagamento da dívida contraída com a agência brasileira de Desenvolvimento social. Lula da Silva considera um desrespeito ao pacto de amizade Latino americana.

Nesse instante, ao percebermos a configuração de pesquisa que formulamos, e que a intitulamos de **busca subterrânea** reconhecemos termos feito uma análise arqueológica e nos deparamos com uma perspectiva trazida por Foucault em sua vasta obra, *descrever a constituição de um fato a partir da inter-relação de saberes, do estabelecimento de uma rede conceitual que cria o espaço de existência, apontando as relações entre os saberes e as estruturas econômicas e políticas. Apontamos como se estruturam os pactos de poder*. Através dos discursos e suas articulações institucionais assistimos ao nascimento de saberes e escalas de poder, examinando as condições de possibilidades externas aos próprios saberes. São esses os

elementos que foram aqui examinados na construção dessa rede. O que nos ocorre por ora a dizer é que alguns **nós (laços)** não foram devidamente tecidos, o que fez com que algo escapasse por entre sua malha. Há um buraco na rede, que precisa ser cerzido. Aliás, situação recorrente com muitos outros fatos sociais da atualidade. Fica apenas a curiosidade de sabermos se o tema do Ilê Aiyê será mantido para o carnaval de 2009, e buscar entender quem será o **herói** dessa narrativa. Até porque poderão surgir novos heróis no decorrer desse emaranhado de teias.

Referencias

AGIER, M. **Antropologie du carnaval: la ville, la fête et l'Afrique à Bahia**. Paris. Ed. Parenthèse. 2000. 235p.

ANDRADE, R. **Folclore e Hibridismo Cultural**, trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação- NP Folkcomunicação (disponível na internet). 2006.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 1998. 395 p.

CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora da UERJ. 2005. 283p.

ENRIQUEZ, E. O fanatismo religioso e político, p.70-78. In LEVY, NICOLAI, ENRIQUEZ E DUBOST. **Psicossociologia: análise e intervenção social**. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 6. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda. 1996.

ENRIQUEZ, E. **A verdade e as formas jurídicas**. NAU editora. Rio de Janeiro. 2005.

FREITAS, M. E. **Contexto Social e Imaginário Organizacional Moderno**. Revista de Administração de Empresas. abr/jun. 2000. SP.

GEY, Espinheira, **A economia da Cultura e a cultura na economia**. Palestra desenvolvida no Ministério Público do estado da Bahia, Comissão Especial de trabalho e Renda. Novembro de 2004. SSA/BA

GERTZ, C. **Saber local**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 1999.

YUDICE, G. **A Conveniência da Cultura: usos da cultura na Era global**. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 2006. 615p.

RIBEIRO, Elisa. Amorim. **Redes sociais interorganizacionais: uma análise das parcerias mantidas pelas organizações integrantes do consórcio social da Juventude**. Dissertação de Mestrado — 2007. SSA/ BA.



Departamento de Ciências Sociais Aplicadas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO

Doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano

Área de concentração

- A dimensão Regional do Desenvolvimento
- Administração do Desenvolvimento